ANITA GARIBALDI, UMA HEROÍNA BRASILEIRA.

Rosangela Melatti

Prof. André Bazzanella

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI
Licenciatura em História (HID 0231) – Trabalho de Graduação
07/11/09

RESUMO

Anita Garibaldi, Uma Heroína Brasileira, procura responder o que é mito e o que é verdadeiro sobre a vida dessa mulher que corajosamente participou de batalhas revolucionárias e marcantes na história política brasileira e italiana. Este estudo analisa fatos polêmicos sobre Anita à luz dos escritos de historiadores que resgataram sua memória.

Palavras-chave: Nascimento; Giuseppe; Morte.

1 INTRODUÇÃO

Anita Garibaldi é uma das raras brasileiras que, antes do século XX, participou de forma ativa de episódios políticos e militares da história do Brasil. Ao lado do companheiro, o italiano Giuseppe Garibaldi, atuou em algumas das batalhas decisivas da Revolução Farroupilha em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Foi a primeira mulher brasileira a ganhar um monumento público, o monumento a Garibaldi e Anita, na Praça Garibaldi, em Porto Alegre, em 1913. Também em Laguna, existe um monumento em sua homenagem, fato que se repete também na Itália.

Sua biografia, porém, até hoje é alvo de polêmicas. Muito se escreveu sobre ela, contudo, a maior parte desses escritos acresce de fatos irreais, são episódios imaginados ou romanceados. Muitos são os episódios pertinentes à trajetória de Anita, o que torna impossível constatar todos os fatos. Todavia, procuramos nos ater aos episódios mais polêmicos que cercam a vida de Anita, os quais foram discutidos por diversos autores analisados nesse estudo.

Os fatos pertinentes a Revolução Farroupilha e a República Juliana, não iremos discutir nesse estudo, pois nosso objetivo é a história sobre a mulher catarinense, Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi, e é nela que centramos nosso foco de estudo e pesquisa.

2 O NASCIMENTO

Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu no dia 30 de agosto de 1821, em Laguna, Estado de Santa Catarina. As informações acerca da data e do local deste fato constam de sua certidão de nascimento, lavrada postumamente em 11 de maio de 1999, sob número 17.514, às fls. 185, do Livro nº 67-A de Registros de Nascimentos do Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais da Comarca de Laguna-SC.

Ana Maria era filha de Bento Ribeiro da Silva, natural da Freguesia de São José de Curitiba (atualmente São José dos Pinhais, no Estado do Paraná), e de dona Maria Antônia de Jesus Antunes, nascida em Lages, Estado de Santa Catarina, em cuja igreja matriz foi batizada, em 12 de junho de 1788. Tinha como avós paternos, Manoel Colaço e Angela Maria da Silva, cujas origens são desconhecidas, e como avós maternos, Salvador Antunes, nascido em Sorocaba-SP e Quitéria Maria de Souza, nascida em Laguna-SC.

O local do nascimento de Anita Garibaldi é sem dúvida um dos assuntos mais controversos de sua biografia. Os municípios de Laguna, Tubarão e Lages disputaram durante tempos a naturalidade da heroína. Entretanto, com a lavratura do assento de registro de nascimento de Anita, perante o Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais da Comarca de Laguna, a questão restou superada, ao menos sob o ponto de vista jurídico.

De fato, no ano de 1988, diversas entidades públicas e da sociedade civil de Laguna uniram esforços em prol de que fosse atribuída a naturalidade de Anita àquele município. Os esforços culminaram na propositura da Ação de Registro de Nascimento Tardio nº 040.98.000395-4, da 1ª Vara da Comarca de Laguna. Em 05 de dezembro de 1998, o magistrado do feito prolatou sentença reconhecendo Laguna como o local de nascimento de Anita Garibaldi e ordenando o registro de seu nascimento perante o Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais daquela Comarca.

É importante salientar que, antes da Certidão de Nascimento, fruto da ação judicial de registro tardio, não existia qualquer documento formal acerca do local e da data de nascimento de Anita Garibaldi. A época de seu nascimento vale dizer, na primeira metade do século XIX, os registros de nascimento eram realizados pelas paróquias, através das certificações de batismos. A certidão de batismo de Anita, no entanto, nunca foi localizada, nem nos livros paroquiais de Lages, tampouco perante os de Laguna.

Entrementes, há que se fazer a ressalva de que, na paróquia de Laguna, apenas um dos livros de registro de batismos não foi encontrado, qual seja, o que abrangia o período de 1820 a 1824,

justamente aquele no qual se deu o nascimento de Anita. Este sempre foi um forte argumento a favor daqueles que advogavam a tese de que Anita Garibaldi teria realmente nascido em Laguna.

Essa árdua pesquisa nos livros paroquiais foi empreendida pelo incansável Wolfgang Rau, que, em seu livro “Anita Garibaldi”, descreve-a (Rau apud Wolff, 2006):

Trabalhosamente estabelecida por nós uma seqüência cronológica de Livros de Registro referente a Laguna e a Lages, certificamo-nos simultânea e finalmente uma verdade: somente falta o livro de Laguna que abrange o período de 1820 a 1824, incluindo justamente a época de nascimento de Anita e possivelmente mais alguns irmãos. (...) O registro de batismo de Anita, porém, que há anos procuramos exaustivamente, esse também em Lages não o encontramos.

Além desse, outros foram os argumentos dos lagunenses acolhidos pelo Poder Judiciário, como o fato da própria Anita, quando da formalização de seu casamento com Giuseppe, ocorrido em Montevidéu, no Uruguai, em 26 de março de 1846, ter declarado ser natural de Laguna, no Brasil.

Mais tarde, quando Giuseppe Garibaldi narra suas memórias a Alexandre Dumas (filho), volta a declarar que Anita havia nascido em Morrinhos, à margem esquerda do Rio Tubarão, no distrito de Laguna, na província de Santa Catarina. A afirmação de que o local preciso do nascimento de Anita Garibaldi teria sido “Morrinhos”, à margem esquerda do Rio Tubarão, estendeu a alvoroço também para a cidade de Tubarão, haja vista que a mencionada localidade atualmente se encontra nesse município.

No entanto, tendo em conta a circunstância de que Tubarão apenas foi desmembrado do município de Laguna, em 1870, vale dizer, após o nascimento de Anita, prevaleceu o entendimento de que o nascimento, à época do fato, havia se dado em Laguna.

A par dessa discussão, não podemos nos esquecer que sempre existiu quem defendesse a tese de que Anita Garibaldi teria nascido na verdade em Lages, entendimento este capitaneado por Licurgo Costa, o qual afirmou que, mesmo sem a existência de documento neste sentido, possuía “uma convicção pessoal de que ela nasceu na fazenda de Nossa Senhora do Socorro, no município de Lages, quando era seu proprietário Matheus José de Souza” (Costa apud Wolff, 2006).

Segundo nos conta Licurgo Costa, o pai de Anita, Bento Ribeiro da Silva, então mais conhecido como Chico Bentão ou Bentão, teria sido capataz da Fazenda Nossa Senhora do Socorro,

situada nas proximidades da Serra do Mar, mais precisamente onde hoje se encontra o município de Bom Jardim da Serra que, naquela época, ainda pertencia ao distrito de Lages.

Também, segundo o autor, não podem restar dúvidas de que Anita tenha sido criada em uma fazenda, principalmente em razão do fato de ter sido exímia amazona, dom este que não poderia ter sido magistralmente desenvolvido caso tivesse crescido à beira-mar. Licurgo ainda se vale de uma informação que lhe foi dada por Maria Palma de Haro, neta do joaquinense Ezirio Rodrigues Nunes, nascido em 1822, no sentido de que este, nos serões familiares, contava aos filhos e netos que Anita Garibaldi havia sido uma de suas companheiras de brinquedos e travessuras, na Fazenda Nossa Senhora do Socorro, onde ambos teriam nascido.

Contudo, o entendimento de Wolfgang Rau, no sentido de que Anita teria nascido de fato em Laguna é bem esclarecedor, o autor afirma (Rau apud Wolff, 2006):

Julgamos oportuno assinalar que, tendo sido seu berço em Tubarão, em Lages ou na Laguna, foi nesta última cidade que Anita Garibaldi nasceu para a história, tendo aí vivido os gloriosos começos de sua saga amorosa e da sua aventura guerreira...e se sabe da própria Anita Garibaldi, do seu sentimento, do seu coração, é que era lagunense, pois declarou-se nascida na Laguna, quando do seu casamento com Garibaldi, em Montevidéu. Se ela não era e assim se dizia, é porque como tal se considerava.

3 PRIMEIRO CASAMENTO

Quando Ana Maria havia recém completado 14 anos de idade, em 30 de agosto de 1835, contraiu matrimônio com Manuel Duarte de Aguiar, perante a igreja matriz de Laguna. Na certidão de casamento, existente no arquivo da Cúria Diocesana de Tubarão - SC, a noiva declarou que seu pai, Bento Ribeiro da Silva, já era naquela data falecido.

Muitos atribuem o casamento prematuro de Anita à circunstância da morte de seu pai, a partir de quando sua família passou a sofrer privações ainda maiores que aquelas às quais já estava acostumada a enfrentar.

Segundo nos conta a tradição, Anita teria sido prometida pela mãe a Manoel Duarte, a respeito do qual pouco até hoje se descobriu. Nas palavras de Paulo Markun (apud Wolff, 2006):

O primeiro marido pouco mais se sabe. Conhecido como Manuel dos cachorros, por gostar de bichos, costumava sair para pescarias noturnas, era caladão e trabalhador. Quanto à profissão, há quem o identifique como marinheiro. Na verdade, teria sido sapateiro – ofício

com pouco mercado na cidade, onde a maior parte das pessoas sobre costumava andar de tamancos – antes de ser convocado pela marinha imperial, para combater os farrapos.

Após o casamento na igreja, os festejos foram realizados na casa onde atualmente funciona um museu sobre Anita Garibaldi, situada na praça da Igreja Matriz de Laguna. A casa pertencia a Anacleto Mendes Braga, que ali vivia com sua irmã, Ana Mendes Braga que, dentre outras coisas, confeccionava e alugava vestidos de casamento para as moças menos abastadas da vila e das redondezas.

Segundo a tradição, Aninha teria tropeçado na saída de igreja, perdendo um dos sapatos. Provavelmente o ocorrido tenha sido resultado da falta de costume da jovem em usar sapatos, sobretudo sapatos de salto e alugados, que na maior parte das vezes não serviam bem nos pés de quem os calçava. Entretanto, o fato não passou despercebido das pessoas que o testemunharam, haja vista que, segundo a crença da época, a noiva tropeçar no casamento era sinal de futuro insucesso no casamento.

Crendice ou não, o fato é que, com Manoel Duarte, Aninha viveu um casamento infeliz, sem amor, que sequer foi capaz de gerar os frutos naquela época ainda mais esperados que hoje, quais sejam, os filhos. Não fosse isso verdade, Anita certamente teria hesitado mais em deixar o primeiro marido, anos mais tarde, para fugir com o forasteiro italiano por quem iria se apaixonar.

Dado interessante acerca do primeiro casamento de Anita é justamente o fato de Giuseppe Garibaldi tê-lo omitido de suas biografias e também de seus próprios descendentes com Anita. Em 1970, Wolfgang Ludowig Rau, ao tratar do assunto com Giuseppina Garibaldi Ziluca, filha de Ricciotti Garibaldi e, portanto, neta de Anita, foi surpreendido com a seguinte exclamação: “Mas não pode ser, meu pai nunca nos falou nisso!”. (Rau apud Wolff, 2006).

Também autores que escreveram sobre Anita ainda na metade do século XX, como Henrique Boiteaux e Leite de Castro, silenciaram sobre a ocorrência de seu primeiro casamento, fato que só veio a ser resgatado anos mais tarde. Dentre os que confirmam ser Anita casada, vários, entre eles Annita Garibaldi (1931) e Valentim Valente (1949), advogam que o marido teria desaparecido. Outros, como, por exemplo, Gerson Brasil (1971) afirma que o marido havia falecido, e outros, como Lindolfo Collor (1938) e Walter Zumblick (1980) afirmam que ele abandonara a mulher seguindo o exército imperial. Essa última é a posição de Wolfgang Ludwig Rau (1975), o pesquisador catarinense que reúne o maior acervo nacional a respeito de Anita Garibaldi.

Henrique Boiteaux encontrou, em 1907, a certidão de casamento de Anita. Logo, não há motivo para tanta desinformação. A óbvia intenção de todos esses autores, com menor ou maior intensidade, é a de construir para Anita uma imagem de heroína imaculada.

4 ENCONTRO DE ANITA E GIUSEPPE

Existem várias versões a respeito de como teria se dado o primeiro encontro entre Anita e Giuseppe em Laguna, que provavelmente ocorreu em julho ou em agosto de 1839. Uns dizem que se viram na missa. Outros, que se encontraram na fonte d'água da cidade. Outros, que o encontro se deu no hospital onde estavam sendo cuidados os feridos em combate.

Existe, porém, a versão contada pelo próprio Giuseppe em suas memórias, narrada por Paulo Markun (apud Wolff, 2006), nas palavras a seguir:

(...) Eu passeava pelo convés do Itaparica resolvendo esses meus tétricos pensamentos, (...) Olhei ao acaso para as casas da Barra – assim se chamava uma colina à entrada de Laguna, na parte meridional, e sobre a qual se erguiam algumas simples e pitorescas habitações. Lá, com a ajuda de uma luneta que tinha habitualmente à mão, descobri uma jovem. Ordenei que me transportassem à terra na direção dela. Desembarquei e, me dirigindo à casa onde deveria encontrar-se o objeto de minha viagem, não consegui revê-lo. Foi quando cruzei com um indivíduo do lugar, que tinha conhecido logo que cheguei. Ele convidou-me a tomar café em sua casa: entramos e a primeira pessoa que me apareceu era aquela cujo aspecto me tinha feito desembarcar.

Pouco se sabe acerca da vida amorosa de Anita e Giuseppe logo após seu primeiro encontro. Fato é que, em 21 de setembro de 1839, os dois foram padrinhos de batismo do menino Eduardo Ferreira, como registra a certidão de batismo arquivada na paróquia de Laguna.

Quanto ao destino de Manoel Duarte de Aguiar, após ter sido abandonado por Anita, também existem poucas certezas. Para uns, teria sido preso e morto pelos homens de Garibaldi. Para outros, teria se alistado nas tropas imperiais. Fato é que, a partir do dia 23 de agosto de 1839, Anita passou a residir com Garibaldi a bordo do Rio Pardo, antigo Itaparica, uma das embarcações da flotilha farroupilha.

Logo após, partiram para a missão determinada por Canabarro a Garibaldi, qual seja, a de deixar Laguna com três barcos armados para atacar a bandeira imperial na costa do Brasil. No amanhecer do dia 3 de novembro, os republicanos chegaram a Imbituba e já começaram a se prepara para a batalha desigual que se desenhava. Ao raiar do dia seguinte, três grandes navios imperiais despontaram na enseada e de imediato se iniciaram os tiros de canhão.

Este foi o batismo de fogo de Anita, que estava, junto com Giuseppe, a bordo do Rio Pardo, que ali se tornara o alvo primordial dos imperiais, por se tratar da mais imponente embarcação dos rebeldes. Anita, de fuzil em punho, investiu contra os imperiais, mantendo o ânimo e gritando palavras de ordem durante todo o combate. De repente, uma bala de canhão atingiu o Rio Pardo, no local onde se encontrava Anita e mais dois marinheiros, arremessando-os longe. Garibaldi partiu ao encontro da companheira, que se encontrava estirada no chão e coberta de sangue. Os marinheiros estavam mortos e mutilados, mas Anita estava viva e se recompôs num rompante.

Mesmo contrariando o experiente Garibaldi que a mandava abrigar-se, Anita expôs-se aos inimigos permanentemente. E quando o medo da derrota iminente assaltou os marinheiros republicanos que combatiam uma luta desigual contra a marinha Imperial, foi a coragem da inexperiente Anita que a fez descer ao porão, onde se escondiam os acorvadados, e dali os fez subir, enquanto ela, como comandante, deu ordens e instigou a continuidade da luta, fazendo renascer a esperança e a certeza da vitória nos demais combatentes.

Quando Anita retornou de sua primeira viagem a bordo do Rio Pardo, o seu “rapto” pelo corsário italiano já era assunto em todas as rodas de Laguna. Anita foi repudiada durante décadas em Laguna, tida como “imoral”, até ser tolerada a partir da década de 1950.

5 VIDA NO URUGUAI

A crônica memorável da trajetória de vida de Anita Garibaldi é recheada de enfrentamentos bélicos e de fugas espetaculares, como a de Curitibanos, quando escapou dos imperiais a cavalo, grávida de quatro meses. Esta fuga tornou-se um dos episódios mais célebres de sua biografia, uma vez que, sozinha na mata densa, teve ela que se guiar e percorrer aproximadamente 100 quilômetros, até que conseguisse, oito dias depois, chegar a Lages.

Logo depois, Garibaldi e Anita, grávida, partiram novamente, rumo ao Rio Grande do Sul, indo ao encontro do general Bento Gonçalves nas proximidades de Porto Alegre. Nas proximidades, republicanos e imperiais travavam uma intensa batalha, que, devido às perdas de ambos os lados, não deixou vencedores. Os rebeldes, no entanto, desejavam retomar São José do Norte, em razão disso, Anita e Giuseppe foram para São José das Mostardas, onde o italiano deveria construir alguns barcos com os quais os rebeldes pretendiam conquistar São José do Norte.

Assim, em São José das Mostardas, no dia 16 de setembro de 1840, nasceu Menotti, o Garibaldi brasileiro. Como o menino não possuía qualquer enxoval com o qual pudesse ser vestido e coberto, Garibaldi deixou Mostardas poucos dias após o parto com destino à Setembrina (hoje Viamão), com o propósito de comprar roupas para o filho recém-nascido. Durante a ausência de Garibaldi, os imperiais atacaram Mostardas. Garibaldi que, no meio do caminho para Setembrina, havia ouvido sons de artilharia, preferiu continuar a viagem. Quando já retornava, ficou sabendo do ataque surpresa dos legalistas, que havia dizimado quase todos os farrapos.

Quando retornou a Mostardas, não encontrou Anita nem Menotti na casa onde os havia deixado, mas sim, escondidos na mata, onde tinham passado aqueles últimos dias. Durante o ataque, Anita só havia tido tempo de pegar o filho de apenas doze dias nos braços, subir em um cavalo e fugir milagrosamente, escondendo-se na mata, onde passou dois dias, alimentando a Menotti com seu leite e a si própria com raízes.

Em novembro de 1840 os Farrapos foram expulsos de Setembrina e rumaram para São Gabriel, na região das Missões, no Rio Grande do Sul. Lá, Garibaldi amadureceu a ideia de partirem ele, Anita e Menotti para Montevidéu, no Uruguai, que então despontava como um importante e cosmopolita centro urbano na América do Sul. Diante do pedido, Bento Gonçalves consentiu que o italiano deixasse o exército farroupilha. Alguns, porém, especulam que a Garibaldi teria sido em verdade confiada a missão de buscar no país vizinho uma saída para o mar para os farrapos.

Como gratificado pelos serviços prestados, Garibaldi recebeu do governo farroupilha uma tropa de 900 bois. Entrementes, ao longo da viagem até Montevidéu, o italiano se revelou um tropeiro infame. O projeto inicial de Garibaldi era chegar ao Uruguai com toda a tropa viva e então vendê-la aos frigoríficos de lá. No entanto, no meio do caminho, Garibaldi, depois de ter perdido inúmeros animais, resolveu carnear os que lhe restavam. Aproveitou o couro e deixou a carne para servir de alimento aos pobres e aos animais.

Assim, em 21 de maio de 1841, chegou com a mulher e com o filho a Montevidéu, levando consigo apenas 300 couros. Inicialmente, Garibaldi procurou trabalho no comércio, mas não obteve êxito. Acabou conseguindo trabalho no Instituto de Las Buenas Letras, como professor de matemática. Em seguida, Giuseppe, Anita e Menotti passaram a ocupar dois cômodos de uma casa. Entretanto, a tranquilidade que Anita deveria estar sentindo, por ter um teto, um filho e um marido empregado, já estava prestes a acabar. Cerca de um ano depois, Garibaldi já teria aceitado o papel

de comandante da esquadra uruguaia na guerra entre a República Oriental do Uruguai e a Argentina, travada, sobretudo, pela disputa comercial do Rio da Prata.

No Uruguai, ocorreram fatos importantes na biografia de Anita Garibaldi. Em 26 de março de 1842, Anita oficializou sua união com Giuseppe, casando-se com ele na Igreja de São Francisco de Assis, em Montevideú. No pedido de habilitação do casamento, Anita declarou-se solteira, certamente porque seu matrimônio anterior com Manoel Duarte, do qual não se sabia o paradeiro, constituía impedimento para a sua união religiosa com o italiano.

Três meses após o casamento, no dia 23 de junho de 1842, Garibaldi, que então já havia aceitado o comando das embarcações de guerra uruguaias, saiu para sua primeira expedição fluvial. A partir daí, Anita passou longos períodos distante do marido, sozinha em casa cuidando dos filhos. No Uruguai, nasceram os outros três filhos de Anita e Giuseppe: Rosita, em 11 de novembro de 1843, Teresita, em 22 de março de 1845 e Ricciotti, em 24 de fevereiro de 1847. Foi também em Montevideú que, foi pintado o único retrato de Anita, em 1845, pelo pintor Gallino.

Segundo Paulo Markun, Anita nunca teria conseguido se integrar plenamente na sociedade local, seja em razão de sua origem humilde, da dificuldade da língua ou falta de dinheiro. No Uruguai, ao contrário do que havia ocorrido no Brasil, Anita não acompanhou o marido em suas missões guerreiras. Existem apenas dois registros de ocasiões em que Anita o acompanhou. Uma, em abril de 1843, quando Anita foi com Garibaldi à Ilha das Ratas, levar reforços para a guarnição que estava ali. A segunda, por ocasião da morte de Rosita, em 23 de dezembro de 1845. Com efeito, Rosita faleceu nos braços da mãe, provavelmente em razão da difteria que assolava Montevideú.

Em meados de 1846, Garibaldi, então já desgostoso com sua situação no Uruguai, começou a planejar seu retorno para a Itália. Pretendia antes embarcar Anita com as crianças, o que somente viria efetivamente a ocorrer mais de um ano depois, pois Anita encontrava-se grávida de Ricciotti. Assim, no dia 26 de setembro de 1847, após ter vivido mais de seis anos no Uruguai, Anita e os três filhos embarcaram em um veleiro com destino a Gênova. Antes, de partir, porém, Anita depositou flores no túmulo de Rosita e fez com que o marido lhe promettesse que levaria os despojos da criança consigo para a Itália.

Licurgo Costa faz uma crítica bastante pertinente a Giuseppe Garibaldi, pelo fato de ter, por duas ocasiões, abandonado Anita à própria sorte. O autor (Costa apud Wolff) afirma:

(...) havia uns quatro meses que Garibaldi conhecera Anita e quase dois que ela fugira com ele no Rio Pardo. Não teria sobrevivido um começo de desinteresse por parte de Garibaldi em relação a ela? Para nós, é a única explicação razoável, do contrário, com sua reconhecida audácia, seu espírito romântico, seu dinamismo, seu arrojo quitoxesco ele teria ido procurá-la. Já da parte de Anita, parecia que com o correr dos dias aumentava a paixão pelo italiano. (...) depois, quando se confirmou a gravidez, que seria recente, então ele passou a tratá-la como uma esposa e não como uma companheira episódica de alguns meses.

6 AS LUTAS NA ITÁLIA E MORTE

Anita, Menotti, Teresita e Ricciotti chegaram a Gênova em 02 de março de 1848, tendo sido recebidos por cerca de 3000 pessoas, em seguida, no dia 8 de março, partiram em direção a Nice, onde Anita pode conhecer a sogra, Rosa Raimondi, com quem, ao que parece, não manteve uma relação de grande cordialidade, pois a sogra se opunha ao casamento de ambos realizado no Uruguai não tinha validade.

A chegada de Giuseppe Garibaldi à terra natal era aguardada com grande ansiedade pela população. A fama por suas atuações na América do Sul havia chegado à Europa e ele havia se convertido em herói nacional. Na manhã do dia 21 de junho de 1848, uma pequena multidão aguardava sua chegada no porto de Nice. Anita, que não via o marido havia três meses, mal esperou o barco baixar âncoras e se aproximou, pulando de alegria num pequeno bote, levando consigo Ricciotti.

Alguns dias depois, em Gênova, Anita e Garibaldi se separaram. Anita voltou para Nice e Garibaldi iniciou sua jornada pelo território italiano, em diversos combates que objetivavam a unificação do país. Anita acompanhava a trajetória do marido pelos jornais, que, obviamente, traziam as notícias com alguns poucos dias de atraso.

Anita, em Nice, mantinha-se indócil, desejando ardentemente participar das lutas ao lado do companheiro de ideais e aventuras. Assim, em meados de janeiro de 1849, juntou 200 francos que Garibaldi havia lhe enviado e seguiu para Roma, onde informou-se acerca do paradeiro do marido e foi encontrá-lo em Rieti. Em 12 de abril, Garibaldi foi convocado para se dirigir a Agnani, com 1264 homens e 500 fuzis. Anita, que estava adoentada, não acompanhou o marido e retornou para Nice. Então, já grávida do feto que a autópsia revelaria quatro meses mais tarde.

No dia 2 de julho, Garibaldi encontrou-se com o ministro dos Estados Unidos, que lhe ofereceu passaportes americanos com nomes falsos para ele e para a mulher, além de uma corveta

para que pudessem fugir em segurança, contudo, Garibaldi recusou a proposta. E no mesmo dia, dirigiu-se à Piazza San Pietro, onde uma multidão o aguardava, e conclamou a massa a acompanhá-lo e a continuar a guerra contra os estrangeiros. Antes, tentou convencer Anita, que estava grávida, a permanecer em Roma. Seus argumentos de nada adiantaram e, naquela manhã de 2 de julho, Anita cortou os cabelos curtos e se vestiu de homem, resoluta em acompanhar Garibaldi.

Assim, na noite daquele mesmo dia, montada a cavalo, Anita deixou Roma com o marido, acompanhados de 3.900 homens, dos quais 800 eram cavaleiros. Iniciava-se, assim, uma retirada que entrou para a história das operações militares que ainda hoje continua a ser estudada. A tropa passou por inúmeras cidades, dormindo muitas noites ao relento. Em San Marino, Anita iria passar a noite no convento dos capuchinhos. Estava gravemente doente, quando o dono do café Simoncini, Lorenzo Simoncini, ficou sabendo de sua situação, mandou seu filho ir buscá-la e levá-la para sua casa. O rapaz encontrou Anita deitada sobre o chão nu e muito abatida. Na casa de Simoncini, sua mulher e sua filha dedicaram à Anita todos os cuidados possíveis para amenizar seu sofrimento.

Garibaldi, de outra parte, tendo recebido os termos da rendição, julgou que não podia passar de um engodo e decidiu não capitular. Na calada da noite, saiu de San Marino com Anita e mais 185 companheiros com a pretensão de chegar à Veneza. Perto das 10 horas da noite do dia 1 de agosto, chegaram ao porto de Cesenatico, onde conseguiram treze barcos com os quais seguiriam para Veneza. A preparação para a partida levou mais de oito horas e, durante esse tempo, Anita ficou o tempo todo deitada no cais, ardendo em febre.

No final da manhã do dia 2, conseguiram finalmente embarcar. No barco de Garibaldi, iam Anita e mais 10 companheiros. Porém, a 80 quilômetros ao norte de Cesenatico, encontraram uma esquadra bloqueando o acesso a Veneza. Os barcos foram alvejados com tiros de canhão, alguns foram capturados, e cinco barcos conseguiram fugir, entre eles o barco que estava Giuseppe e Anita, chegando em Pialazza na manhã do dia 3 de agosto. No desembarque, foi necessário que Garibaldi, com a água na altura do peito, carregasse Anita em seus braços.

Mal havia saído da água, Garibaldi encontrou com o coronel Nino Bonet, um homem rico e influente, filiado à Jovem Itália, que Garibaldi havia conhecido em Ravenna. Bonnet foi de fundamental importância na fuga de Anita e Garibaldi a partir daquele momento. Como Anita não conseguia mais parar em pé, Garibaldi e um companheiro, Leggero, a carregaram por cerca de 200 metros, até chegarem a uma cabana onde vivia uma viúva, onde Anita pode saciar um pouco da sede que a febre lhe estava causando.

Em seguida, Anita foi carregada por duas horas em terreno pantanoso, até a fazenda Cavallina, onde os três permaneceram por cerca de uma hora e meia, até que ela se recuperasse um pouco. Ali, Bonnet convenceu Garibaldi e Anita a se separarem para que ele pudesse continuar a fuga. Anita pareceu aceitar. Enquanto isso, Anita, em uma charrete, seguiu com Garibaldi e Leggero em direção à Villa Zanetto, onde chegaram por volta do meio-dia. Ali, Anita foi colocada em uma cama confortável, tomou uma sopa e mostrou uma pequena reação.

Bonnet chegou logo a seguir, informando que os austríacos haviam descoberto o esconderijo dos fugitivos e que, portanto, era a hora da separação. Anita, pediu que a deixassem morrer ao lado do marido. Assim, continuaram a fuga com destino à Fazenda Guccioli, em Mandriole. No final da viagem, o terreno era difícil e somente Anita continuava na charrete. Garibaldi tentava protegê-la do sol forte com uma sombrinha. A cada acidente do relevo, Garibaldi e Leggero levantavam a carroça. Anita estava agonizante. Num fio de voz, pediu água, que não possuíam, e começou a soltar uma espuma pelo canto da boca.

Já era fim de tarde quando finalmente chegaram à sede da fazenda Guccioli. O médico que Garibaldi havia mandado chamar, já havia chegado. O médico percebeu de imediato a gravidade da situação de Anita e mandou levá-la para o andar de cima da casa. Os homens carregaram Anita sobre o colchão que forrava a charrete e a levaram até um quarto no segundo andar da sede, onde a deitaram sobre a cama. Garibaldi, que há minutos havia implorado ao médico que salvasse a vida da mulher, segurava a mão de Anita, que às sete horas e quarenta e cinco minutos do dia 4 de agosto de 1849, já estava morta.

Existem diversas hipóteses sobre qual seria a doença que teria fulminado Anita Garibaldi. Para alguns, ela teria morrido de febre tifóide, moléstia cuja contaminação se dá através da ingestão de alimentos contaminados e cujos sintomas coincidem com os apresentados por Anita, como fortes dores abdominais e febre intensa. Para outros, Anita teria sucumbido diante da malária que teria adquirido em Maremma, quando estava a caminho de Roma. Há ainda os que entendem que Anita teria sido vítima de impaludismo. Não existe, no entanto, uma resposta definitiva. Contudo, é preciso levar em conta a autópsia do cadáver de Anita realizada pelo médico italiano Luigi Fuschini.

Visto que após a morte de Anita, Garibaldi teria ficado em choque, chorando ao lado da cama. Não teve tempo para providenciar o enterro, uma vez que os austríacos estavam no seu

encalço. Às nove horas da noite, pouco mais de uma hora da morte de Anita, Garibaldi e Leggero continuaram a fuga na charrete. Antes de partir, porém, teria pedido aos moradores da fazenda que providenciassem uma cova digna e identificada para Anita, prometendo que depois viria buscá-la.

O feitor da fazenda decidiu sepultar Anita o mais rápido possível, para não correr o risco de que os austríacos descobrissem que ali haviam dado abrigo a fugitivos. Assim, com a ajuda de mais dois homens, levou o corpo de Anita até a Motta della Pastorara, uma elevação de areia a aproximadamente 800 metros da sede da fazenda e ali enterrou o corpo, numa cova rasa. Alguns dias depois, três meninos que brincavam no local se depararam com uma mão, já decomposta, aflorando da terra. O juiz foi informado e determinou que o médico fizesse a autópsia.

O médico concluiu que a mulher encontrada havia sido estrangulada, porquanto um sinal circular no pescoço, a traquéia rota, os olhos e a língua saltados. O relatório do delegado que conduzia a investigação, dizia:

(...) Retirada da areia, que ali tinha cerca de meio metro, foi descoberto o cadáver de uma mulher, de um metro e dois terços de altura, de idade aparente entre 30 e 35 anos, com os cabelos já destacados da cutis e espalhados pela areia, escuros e curtos, assim ditos à puritana. Observou-se que os olhos estavam salientes e metade da língua para fora, entre os dentes, além da traquéia rota e um sinal circular em torno do colo, sinais, inequívocos de que sofreu estrangulamento. (...) Seccionado o cadáver, foi encontrado grávido de aproximadamente seis meses. (...) Tudo leva a crer que fosse a esposa ou à mulher que seguia Garibaldi, seja pelas notícias que se tinham do desembarque deles naquela área, seja por estar grávida. (Markun apud Wolff, 2006).

A notícia do estrangulamento correu a Itália e gerou especulações de que Garibaldi teria assassinado a mulher, que, enferma, atrapalhava-lhe a fuga. Segundo Paulo Markun, a conclusão do legista pela hipótese do estrangulamento foi um erro, argumentando que as evidências seriam simples decorrência do processo de putrefação do corpo. Fato é que se tratou do laudo de uma pessoa com conhecimentos técnicos específicos, pelo que, sem evidências contundentes que o desabonem, não pode ser totalmente desprezado. A favor de Garibaldi, porém, existiram todas as pessoas que testemunharam a morte de Anita naquele quarto da sede da fazenda Guccioli.

Logo após a autópsia, o corpo foi enterrado no cemitério de San Alberto, onde permaneceu por 10 anos, até junho de 1859. Após foi exumado e levado para a casa do homem que acompanhou o médico na hora da morte de Anita, Francesco Manetti, pois este estava com medo de que a sepultura da esposa de Garibaldi fosse profanada. O pároco de Mandriole, convenceu Manetti a

devolver os ossos de Anita, que então foram colocados dentro de uma caixa e guardados sob o fundo falso construído junto a sacristia da Igreja de San Alberto.

Dois meses depois, no dia 20 de setembro de 1859, Garibaldi, Teresita e Menotti e alguns amigos chegaram a Ravenna, com o propósito de reaver os restos mortais de Anita e levá-los para Nice, onde foi sepultado ao lado da mãe de Garibaldi. Em 1931, por ocasião das comemorações do cinquentenário da morte de Garibaldi, os restos mortais de Anita foram levados para a Itália, então dominada pelo fascismo de Mussolini.

Em 20 de dezembro de 1931, sua tumba foi aberta e dela foi retirada uma caixa contendo seus ossos. A caixa foi entregue ao neto de Anita, Ezio Garibaldi, filho de Ricciotti. No dia 2 de junho, os restos mortais de Anita chegaram a Roma, onde uma multidão esperava na estação. Mussolini, em pessoa, também foi receber o féretro. Iniciou-se então um cortejo pelas ruas da cidade em direção à colina do Gianicolo, onde um monumento havia sido especialmente construído para Anita.

Existem documentos e manifestações de que estes vários sepultamentos não tiveram o escopo de homenageá-la, mas atenderam apenas a interesses políticos momentâneos. Alguns historiadores defendem a idéia de que Anita deve ser desenterrada e sepultada uma vez mais, desta vez ao lado do seu grande companheiro Giuseppe Garibaldi, cuja tumba está há quinhentos quilômetros de distância. Enquanto viva, através de cartas aos seus parentes, Anita escreveu várias vezes sobre as saudades que sentia da sua família e da terra que a viu nascer.

5 CONCLUSÃO

Quando nos propusemos a escrever estas linhas acerca da vida de Anita Garibaldi, partíamos de um conceito infeliz a respeito da polêmica personagem. Para nós, Anita, era, antes de tudo, uma mulher marcada pelo destempero emocional, única justificativa até então plausível para as “insanidades” que havia cometido em sua breve vida.

Contudo, uma vez mergulhados no estudo da vida de Anita, fomos seduzidos pela emocionante trajetória dessa simples mulher que entrou para a história brasileira. Pois à medida que íamos conhecendo Anita, fomos conhecendo seu caráter leal e sua coragem beligerante, então compreendemos que ela não foi eternizada pela sua beleza física ou por outro padrão feminino de

sua época ou da contemporaneidade, mas descobrimos que Anita representa o desejo mais profundo do ser humano de ser forte para superar as suas limitações e de nunca perder a esperança de que o amanhã pode ser diferente e melhor.

Estar em Laguna também foi muito significativo para escrever esse estudo, pois tudo o que vimos e registramos estava impregnado da história de Anita, nas ruas em que ela andou, na casa onde celebrou seu casamento, na igreja onde se casou com Manoel Duarte, tudo respirava a Anita, essa menina catarinense, de origem tão humilde que, por sua coragem, escreveu seu nome na história.

Procuramos responder os objetivos deste estudo, onde constatamos que muitas lacunas ficaram a serem preenchidas, pois apurar o que é fantasia e o que é realidade é um grande desafio, pelo fato de que os detalhes da vida de Anita são possíveis somente pela memória de Giuseppe Garibaldi.

Contudo, as maiores polêmicas sobre a biografia de Anita foram aqui levantadas e analisadas segundo os escritos e análises dos maiores escritores sobre sua biografia: Paulo Markun, Wolfgang Ludwig Rau e Walter Zumblick.

Podemos afirmar que Anita era como todos os relatos a seu respeito asseguram, de uma coragem excepcional, enfrentou e venceu as barreiras e os preconceitos sociais da época, sem, no entanto, perder sua feminilidade e nem abdicar da maternidade, dando o primeiro grito de liberdade dos sentimentos que sufocavam as mulheres, colocando seus ideais e o amor acima de sua própria vida, todos estes fatores outorgam-lhe um lugar de destaque na história da mulher brasileira, sem paralelo, pois sem dúvida alguma, Anita Garibaldi é a maior expressão feminina que nossa civilização gerou.

6 REFERÊNCIAS

Anita Garibaldi, a Construção do Mito. **Revista História Catarina**. Lages: Gráfica Coan. Ano II, Número 06, 2008.

WOLFF, Maria Fernanda Pacheco Vaz. **Vida e Morte de Anita Garibaldi: Relato Fiel às Provas Existentes**. São Paulo: Grafine, 2006, p. 06, p. 08, p. 11, p. 16, p. 25, p. 33.

ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bentão**. São Paulo: Saraiva, 1999